



XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

TEATRO

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

PALCO JUVENIL N. 117

DIREITOS AUTORAIS
SICAM SDDA - SBAT - INC
Agencia
Santo Angelo - RS.

" O DESCASAMENTO "

Comédia em um ato

por

MONS. FERREIRO VILANOVA

(Vigário de Dom Jesus da Lapa, Bafa)

1951

Editora Vozes Ltda, Petrópolis R.J.

PERSONAGENS

ESTOPELI - De 40 anos, com bigode e olho esquerdo tapado.

PÓLVORA - De 40 anos, sem coxinha e olho direito tapado.

VIGÁRIO - Com batina preta, barrete, etc.

CENÁRIO:

A cena passa-se num quarto pobre, com uma mesa, tambores e alguns quadros religiosos nas paredes. Porta ao fundo que dá para a Rua; outra a esquerda que dá para a cozinha.

CENA I

Estopin está sentado, tocando alegre o violão e cantando modinhas, com uma garrafa de caçhaça na mesa.

ESTOPIM - "A muié é fruta a mais boa - Pra quem sabe açucará - É um doce d'araçá". "Cabeça de pirracenta" - tem miolo muito fraco - eu corro da rabugenta - como o sue no subaso".

Vida boa esta de tocar e cantar modinhas. Mas a goela fica seca; é preciso molhá-la. (Deixa o violão e com a garrafa na mão diz): "Pingueta de caninha - tu vais ver a escuridão; - emboca, molha cá dentre - dá lembrança ao coração" (Bebe).

Ai-ai-ai. Oh! coisa boa quando a pinguinha desce queimando o bucho.

(limpa o beijo com a manga do braço direito.) Mas para descon- tar os meus pecados, tanho esta mulher que Deus me deu; ela é a sorte sem sorte que me tocou na loteria do matrimônio. O povo chama-a de Pólvora, apelido por causa do seu gênio. Por um nadinha se inflama e explode que só espoleta de espingarda.

É só por esta razão o povo me chama de Estopin, porque estou junto da Pólvora. Oh, que vida perra que estou passando com minha mulher! É uma jararaca cheia de veneno, que bota pela boca, em forma de xingamentos, pragas e maldições. Imaginem que um dia uma cobra mordeu a língua dela e a cobra morreu envenena- da. Foi assim que me contaram; Eu não garanto. É valente que só onça pintada. Um dia eu fiz-lhe uma carícia no olho direito com a mão fechada, ela avançou para mim, e com as unhas arrancou-me o olho esquerdo; é uma lembrança que ficou de nossas brigas ca- rinhosas. É teimosa que só burra velha. Sempre quer ter razão, mas sempre quer ter razão, sempre quer levar a batuta; e eu, o único músico desta orquestra, tendo que bailar ao som do que toca. Mas hoje acabou a paciência. (Levanta-se). Aqui mando eu, que sou homem, o chefe da família. Aqui canta o galo e não a galinha. Eu sei que ela fica tiririca; mas, coragem, para isso visto cal- ças. (Bebe).

CENA II

ESTOPIM E PÓLVORA

PÓLVORA: (entra pela porta do fundo, vê Estopin bebendo e avança gritando para bater nele. Estopin trata de esconder a garrafa no bolso interior) - Ah, malvado, cachaceiro, beerrão! Você não falou que nunca mais bebia?

Pau d'água, toma pau (Procura bater-lhe com um cacete).

ESTOPIM - Isso é água, mulher. (Correndo ao redor da mesa).

PÓLVORA - Sim, é água ardente, não água fria, descarado. Você não me engana, não. Quero ver; me dá a garrafa aí.

ESTOPIM - Não dou, não dou, não dou.

PÓLVORA - Pois eu dou em você com este cacete.

ESTOPIM - Mas, mulher, quem manda em casa? Não é marido, o chefe da família?

PÓLVORA - Quem manda em casa é o cabo de vassoura (levanta-se e quer bater nele).

ESTOPIM (Reagindo com energia) - Aqui quem manda sou eu. (Levanta a garra- fa para bater na mulher) - Acabou-se a minha paciência e a tua ousadia, insolente, atrevida.

(Deixa a garrafa na mesa e em luta tira o cacete da mulher e ameaça

estabanado!

- ESTOPIM** - Aprende a respeitar o teu marido, velhaco velho, ouviste? Acabou; deixemos disto, que não nos adianta e vamos jantar.
(**Senta-se a mesa**) **Tras aqui o jantar; já e já** (**atira o cacete pelo fundo**)
- PÓLVORA** (**sai chorando e ameaçando com o punho fechado**) - Tu me pagas, **perifoneioso**.
(**Sai**).

CENA III

Estopin, só

- ESTOPIM** - Tu tenho a culpa. Deixei que ela tomasse folêgo demais e agora tenho que aguentar esses desaforos. Sou obrigado a tomar esta atitude enérgica. Ela é teimosa demais; mas deixa estar, que eu a curo desta doença.
Também eu não beberei mais para que não tenha pretexto para xingar-me.
Coragem (**joga a garrafa num canto**).
- PÓLVORA** - (**Com um prato, vidro com farinha e talheres, que choramingando, põe na mesa**).
- Está aqui o jantar. Veneno merecia; mas por hoje ainda temos cinco ovos fritos para nós dois.
- ESTOPIM** - Dois não brigam se um não quer, e eu não quero brigar. Chega aqui peritinho de mim. Vamos jantar em paz e em graça de Deus. Mas.. não fiques com esta curra de vinagre, minha querida mulherzinha, meu bem, meu adoradíssimo tormento; eu gosto muito de você. (**Intenta abraçá-la**).
- PÓLVORA** - (**Recuando**) - Abraça um chique-chique.
- ESTOPIM** - Que tem menos espinho do que tu.
- PÓLVORA** - Eu não estou hoje para ouvir conversas fiadas. O forno não está para bolos.
- ESTOPIM** - O Meu, sim; Hoje vou dar uns "bolos" de chupar os dedos. (**ameaça com a mão**).
- PÓLVORA** - E logo diz que sou eu que faço trovoadas. Deixa de arreaça e ameaça; vamos comer estes ovos, os únicos que arranjei com as galinhas; que por você galinha de calças, nem sal compraria. Tudo que gunha mete na garrafa da "brejeirinha". Beberão! Cachaceiro!
- ESTOPIM** - Não tornes a insultar-me, que o meu sangue está fervendo. Vamos jantar, Dos cinco ovos, eu quero três para mim, que sou o chefe da família, e dois para ti.
- PÓLVORA** - Não, senhor, eu arranjei os ovos e eu os cozinhei; portanto, três para mim e dois para você. Com licença, eu tomo os meus.
(**Vai tomar o prato**).
- ESTOPIM** - Pará aí. NÃO DÓ LICENÇA e não me conformo; eu sou o homem e tu és a mulher; é natural que eu coma três e tu dois.
- PÓLVORA** - Não concordo. Eu já disse que você come dois e eu três, e ninguém me apela deste burro.
- ESTOPIM** - Pois tu dois e eu três; e não volto atrás.
- PÓLVORA** - Pois você já sabe que eu não cedo nunca. Antes morrer que dar o meu braço a torcer. Você dois e eu três.
- ESTOPIM** (**com energia**) - Pois eu não sou relógio de repetição. Por mim podes morrer, que tu irás ver a Deus, e Deus virá para me ver. Desta feita, para mim três e para ti dois.
- PÓLVORA** - Mas você quer ter a cabeça mais dura do que eu? Sempre serão para mim três e para ti dois.
- ESTOPIM** - Pois a cabeça dura, tu não me gunhas; queres apostar?
- PÓLVORA** - Aposto. Vamos bater com as cabeças, para ver qual é a mais dura? A cabeça que mais aguentar, ganha os três ovos, e quem perder fica com os dois. Quer?
- ESTOPIM** - Quero; porém com a condição de eu ter o meu chapéu posto na cabeça;



tu tens o teu cabelo para aparar os golpes. É justo que eu tenha o chapéu. Não achas?

PÓLVORA - Está bem. Pode se preparar para o golpe. Vou investir que só besta, fera, ou vaca brava. Estou vingada! (Alegre, pulando e rindo): três serão para mim e dois para você.

ESTOPIM - (mete com dissimulação, escondido da mulher, uma pedra dentro do chapéu)- Pois eu arremeto que só bode ou marruá bravo, Prepara-te que neste instante vou quebrar a tua cabeça dura, e a tua teimosa. Três para mim e dois para ti.

PÓLVORA - Sim quebra, quebra, garganteiro, quero ver quebrar; quebra lá, que eu quebro cá, quero ver quebrar. (Arremetem-se, dão se três cabeçadas e pólvora leva as mãos a cabeça, gritando) Ai! ai! ai! assassino, criminoso!

ESTOPIM - Apanhaste, papuda; aprende a respeitar o teu marido, que é homem, a cabeça forte da casa.

PÓLVORA - Ai! ai! Estou apalpando um galo na testa e não sou galinha. Não me confermo; não me dou por vencida, quero ver e que você tem aí no chapéu (tira o chapéu de Estopim e encontra a pedra). Ah, malvado, canalha, perverso. você me paga tratante. Eu vou ao Delegado, que venha ver esta aleivosia, este desaforo, e meta na cadeia meu marido. Não perdoo, não perdoo, estabanado. Não quero mais viver com você, cheio sempre de patacoadas, beberrão, cabeça de hipopótamo. Você quer matar sua mulher, Satanás, capet: sem consciência e sem temor de Deus. Desconjuro de você. Ai! como está me doendo.! Eu lhe largo, lhe largo.

ESTOPIM - Pois, eu também te largo; não quero mais viver contigo, cara de jacaré velhaca contaminada. Eu te arrenego. Quanto me arrependo de ter casado com esta jararaca de saia; antes tivesse casado com a Maricota, ou com a Flor das Folhas Verdes que me faziam " Tilim" e piscavam o olho para mim. Bem me aconselhavam me não me cassasse contigo que eras malcriada para com a tua mãe; e filha que desobedece aos pais, desobedece depois ao marido. Ah, se pudesse descasar-me.... Estou enjoado e farto de ti, senhora dona Polvora da Polvonesa.

PÓLVORA - E você, Estopim dos diabos? Já estou enfastiada de você até a cumieira da cabeça. E para sair desta " tribusana" em que vivemos, vamos a casa do Sr. Vigário! Ele que nos casou, que nos descasse para sempre e assim acabamos com este ferrobodó.

ESTOPIM - É a primeira vez que tu tocas a viola um pouco afinada. Está direito. Um padre nos casou, outro padre nos descasa. Vamos à casa do Sr. Vigário, já e já, para logo não te arrependeres.

PÓLVORA - Quem pode se arrepender é você, homem sem palavra, como o outro que disse: Falar, falei; mas não sustento". Para que veja se eu quero mesmo, neste instante vou chamar o Sr. Vigário, que mora aqui perto; vou pedir-lhe que venha descasar-nos aqui mesmo. (Cobre a cabeça com um chale e sai).

C E N A -IV

(Estopim só).

ESTOPIM - Ah, teimosa danada; nem quebrando a cabeça aprendeu a lição. Deus está vendo vendo que eu não queria chegar a este extremo de chamar o Padre; porém, " assim o quer, assim o tem". Há gente que julga benzer se e quebra o nariz. Minha mulher quando noiva era um anjo, um doce de creme; mas, amigos, depois do casamento, virou um demônio de saiz. A douçura virou brabura, o creme virou fel e vinagre. O querubim alegre e sorridente do noivado deu uma capetinha danada. Virou xingadeira, pirracenta, embirrantante, preguiçosa. Tem a casa desarrumada, a roupa mal lavada, as camisas sem botão, as roupas do trabalho sem remendar... e passa o tempo a fuchingar com as comadres. Por amor a pa tudo aguentei, como o lombo do boi aguenta o carrapato. Mas agora estamos na casa do sem jeito. A paz fugiu pela porta da teimosia. Hoje foi preciso mostrar-me enérgico; agora estou disposto a ir até o final deste drama. Ai chegam eles. Vou receber o Sr Vigário como ele merece, com o respeito devido ao Ministro de Deus.



- PÓLVORA (entrando) - Pode passar, Sr. Padre; o Sr. vai ficar atordoado e sarapatado com o nosso caso.
- VIGÁRIO - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.
- ESTOPIM - Para sempre seja Louvado.
- VIGÁRIO - Vamos ver, Sr. Macário, o Sr. não casou no Padre com Dona Geroncia?
- ESTOPIM - Infelizmente casei, mas já estou arrependido e peço, Sr. Vigário que o Sr. me descasé, custe o que custar; mas faça o favor de sentar-se.
- VIGÁRIO - (sentando-se no centro). - Mas qual o motivo de divórcio?
- ESTOPIM - Nós não queremos este negócio do divórcio, nós só queremos é des-casar.
- PÓLVORA - Eu quero só, é ver-me livre desse cachaceiro.
- ESTOPIM - É eu deste jureroca linguaruda.
- VIGÁRIO - Calma no Brasil! Quero dizer: qual a razão por que querem descasarse?
- PÓLVORA - É porque este meu marido é um bandido, um assassino, batedor de boca e... de pau, que toda semana me dá uma surra em vez de "gaita" para fazer a feira. É um beberão dos demónios, vagabundo, relaxado que gosta da música do violão e da música da "pencadaria". É cantador de modinhas, pausante, apregador da boa pinga e, na hora de folga, até carapina. É um Barrabás em pessoa. Eu não aguento mais. Eu quero descasar-me dele, custe o que custar.
- VIGÁRIO - E você o que tem a alegar?
Que responde a estas afirmações?
- ESTOPIM - Que diacho desta mulher destemperada não tem razão; é verdade que um dia por outro bato nela; mas é por que ela é mercedora, e porque tem língua de cobra, que a toda hora está me atormentando, e ela não fica quieta não; quando eu lhe dou um pescoção, ela me dá um arranhão; e quando eu lhe bato, ela mete os dentes no meu braço. Ficamos quites. É verdade que lá, algum dia, dobro demais o cotovêlo, passo da conta da bebida, e apenho uma carraspana, como Deus manda.
- VIGÁRIO - Alto lá, Deus não manda embriagar-se, nem bem nem mal; antes o proibe no quinto mandamento; beber demais é pecado.
- ESTOPIM - Desculpe, Sr. Vigário; quero dizer que eu bebendo, não faço mal a ninguém.
" Eu não brigo com ninguém - vivo bem com toda gente. Minha mulher toma rapé, eu tomo a minha aguardente." Estamos em paz. O que tem é que minha mulher quer montar no meu sangue e eu não deixo; e nos dias que ela sofre ataque de nervosia, fica numa grenação danada, de demente da cabeça, com o juízo alvoregado e desmoralizado. Eu não aguento esta inferneira; e se o Sr. tem aí algum sacramento para descansar, nos descasé para ficar em paz e em graça de Deus.
- VIGÁRIO - Diz um ditado popular, que antes que casasse pensa bem no que fazes. Quem pensa bem, casa bem; mas quem pensa mal, casa mal. Por que vocês não pensaram bem antes de casar? Agora é muito difícil romper o nó do matrimônio. Mas perante a sua insistência tamanha, vou intentar dar-lhes gosto; advirto, porém, que é uma operação demorada; é de graça, mas "custa" muito. Adivinhem a charada.
- ESTOPIM: - Já falei que quero me descasar, custe o que custar. Estou "avexado" por ver me livre desta rabugenta, desta casca de banana que só presta para a gente escorregar...
- PÓLVORA "É eu deste cascavel cachaceiro.
- VIGÁRIO - Silêncio. Vamos dar os nomes para os proclamas do descasamento. (Sempre rindo) Como se chama você?
- ESTOPIM - Eu, Macário Cordeiro Leão, e minha mulher aqui, Geroncia Perereca dos Prazeres, nascidos no arraial da L'rovada, desta freguesia de Nossa Senhora da Paz.
- VIGÁRIO - Está bem; para casar é necessário confessar; Uma confissão bem fei-

mais leve e com mais alívio.

PÓLVORA - Este meu marido bem que carece confessar. Homem herege, excomungado! Cruz! Cruz! Crede! Está com tempos que ele não confessa. Estopin, mete a mão na consciência e vomite no ouvido do Vigário toda a trepólia que fez comigo desde o dia que "nós" casamos.

ESTOPIN - É tu, falastro de diacho, todas as pragas que me rogaste e vezes que me mandaste para o inferno.

VIGÁRIO - Silêncio, que estou com pressa. Para descansar é necessário confessar, porque pode ser a última confissão da sua vida. Mas, visto a urgência do caso, eu dápenso. Vamos ler os proclamas. Aqui estão presentes o Sr. Marcário Cordeiro Leão e a Bra. Dona Geroncia Perereca dos Prazeres, contratados para o descasamento, agora neste momento. Sabem os presentes de algum impedimento? (Pausa) Ajoelhem-se aqui. (Eles entreolham-se juriosos e colocam-se quase de costas, ele à direita de Pólvora: O Vigário pega um livro grande, abre-o pela página e simula ler em latim. Após alguns segundos diz): "Asperges me Hisopo" (E com o aspersorio bate na cabeça de ambos. Passa a folha e Continua mastigando orações, batendo com força cada vez menor e dizendo: "Asperges me in terra hisopo").

ESTOPIN - Oh, Sr. Vigário, esse officio é muito comprido? Porque a batedeira esta demais. (Coça a cabeça).

VIGÁRIO - Está vendo este livro grande? Estamos na quarta página e temos que passar todas as folhas até a ultima.

PÓLVORA - Minha Nossa Senhora! Oh, Sr. Vigário, não me bata neste lado, que tenho um galo que está doendo e gantande, e não aguento mais; basta, bata deste outro lado.

VIGÁRIO (Continua resmungando, passando folhas e batendo; quando Pólvora e Estopin ouvem "Asperges me hisopo", estremecem, levam as mãos à cabeça, coçam, furtam o corpo às pancadas; assim até a ultima página).

ESTOPIN - Oh, Sr. Vigário, pare ai de bater, isto é demais; é muito mais duro do que eu pensava. E ainda faltam tantas hissopadas como folhas tem esse livro? livrão? Por que não bota o que falta, em orações, latinórios e água benta, e deixa em paz esse porretinho e as nossas cacholas? A minha cabeça já está machucada.

PÓLVORA - Eu tenho a minha cheia de mondongos, como batatinhas; já não aguento mais.

VIGÁRIO - Meus filhos, até que o hisopo não mate um dos dois, não ficarão descasados.

ESTOPIN - Com a breca! E não sabe outro sacramento para descasar?

VIGÁRIO - Não existe. Este é um caso de teologia moral que só se resolve com a estaca, De forma que ou cacetada até morrer um dos dois, ou levar com paciência, como Deus manda, a cruz do matrimonio que alegremente abraçaram no dia do seu casamento.

ESTOPIN - Esta mulher é a minha cruz pesada!

PÓLVORA - E você o meu cruzeiro.

VIGÁRIO - Afinal, o que resolvem?

ESTOPIN - por mim pode ficar com esses trens e esse latinório, pois estou vendo que o remédio é pior que a doença. (Levanta-se). Vamos, minha Polvorinha, meu bom, minha gostosa e querida costela, minha adorada meia laranja; se você quiser, me dá o braço, e vamos continuar com a cruz nas costas.

PÓLVORA: Quero, sim, mas com uma condição, que para mim três ovos e para ti dois (Levanta-se).

ESTOPIN :- Ah, teimosa de diacho. Por mim podes comer os meus dois e os teus três. (Olham o prato que colocam no chão e encontram vazio). Uai! onde estão os teus ovos? Estou vendo o prato limpo e lambido (Levanta-se e o mostra ao público). Com esta, certana foi, o cachorro que os comeu: castigó de Deus pela nossa teimosia.

VIGÁRIO





VIGÁRIO - Aprendam, com este exemplo, a ser caridosos e transigentes e não impertinentes. O meu conselho é que façam as pazes e não se deixarem ficar de bem e começar de novo a nossa lua de mel, digo, lua de mel?

ESTOPIM - Tem razão, Sr. Vigário. O' minha Pólvora! não sobas que de bem e começar de novo a nossa lua de mel, digo, lua de mel?

PÓLVORA - Com uma condição, meu Estopim, que não me chame de cara de jacaré; eu não moreço, pois quando me olho no espelho, ele me diz que sou bem bonita; nem me chame de Pólvora; o meu nome é Gerôncia, ouviu?

ESTOPIM - Pois tu não me chamas de cabeça de hipopótamo, meu Estopim; o meu nome é Marcário, ouviste?

PÓLVORA - Está direito; então, vamos remando na mesma canoa de sempre com paciência. (Dá o braço esquerdo a Estopim e olhando-se ambos com carinho passeiam pelo palco).

VIGÁRIO - Parabéns ao casal! Eu o felicito, Sr. Marcário? sua mulher parece noiva de novo; não está vendo Dona Gerôncia alegre e esponjada que só pavão? Pode dar graças a Deus que tem uma mulher trabalhadora, honrada e honesta.

ESTOPIM - Ah, isso ele é.

VIGÁRIO - Então, o Sr. gosta de Dona Gerôncia, não gosta?

ESTOPIM - Ora, Sr. Padre, isso é o mesmo que perguntar se formiga gosta de açúcar, ou macaco de banana. Eu gosto muito de minha Pól... digo, Marcário, da minha cara Gerôncia, pois não; ela é Pól... ida e boa.

PÓLVORA - Eu gosto também de meu Estu... digo, Marcário; ela é Estu... pendo.

VIGÁRIO : Pois cuidado com os atritos, que podem causar outra explosão. E já sabem que podem evitar outras explosões, e o verdadeiro matrimônio é realizado na Igreja, como Deus manda; e que só a morte desata o nó do matrimônio. O Bom Jesus, divino Mestre, assim falou: "O que Deus uniu, o homem não pode desatar". Vocês casaram-se para toda a vida e ninguém tem o direito de largar o seu consorte; pois "aquele que largar sua mulher e casar com outra, comete adultério" diz o Evangelho. A maior parte dos esposos são felizes no matrimônio indissolúvel; se houvesse uma porta falsa para sair do matrimônio, um sacramento para descaçar, como vocês disaceram, a família, a alicerces da sociedade, ficaria entregue ao instinto bruto, a qualquer paixão do momento, ao primeiro desgosto familiar. Seriam também prejudicadas a honra da mulher largada e a educação dos filhos.

ESTOPIM - Sr Vigário, o senhor tem toda a razão; desde agora não brigarei mais. Esta minha Gerôncia vai ser a minha santa de melhor devoção, se não me xingar.

PÓLVORA - Se eu xingar e chamar-lhe apelidos, pode cortar-me a língua, juro meu bem.

ESTOPIM - E se eu algum dia chumbar, pode me dar uma zurra, fofura!

VIGÁRIO - Muito bem, esses propósitos de exenda são promessas de felicidades mil Deus os faça muito felizes! Vivas os noivos! Viva o casamento indissolúvel! Até logo... (Vai saindo, Estopim, e Pólvora olham-se com amor, e o plano desce lentamente).

Boa Noite.